

Coro e Orquestra Gulbenkian

Matthew Halls
Lucy Crowe
Beth Taylor
Toby Spence
Matthew Brook



02 + 03 mar 23



02 mar 23 QUINTA 20:00

03 mar 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Matthew Halls Maestro*

Lucy Crowe Soprano

Beth Taylor Meio-Soprano

Toby Spence Tenor

Matthew Brook Baixo-Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Ludwig van Beethoven

Missa em Ré maior, op. 123, Missa Solemnis

1. *Kyrie: Assai sostenuto*
2. *Gloria: Allegro vivace*
3. *Credo: Allegro ma non troppo*
4. *Sanctus – Benedictus: Adagio – Andante*
5. *Agnus Dei: Adagio – Presto*

* Por motivo de força maior,
o maestro John Nelson
é substituído por Matthew Halls

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 30 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Missa Solemnis, em Ré maior, op. 123

COMPOSIÇÃO 1819-23

ESTREIA São Petersburgo, 7 de abril de 1824

DURAÇÃO c. 1h 22 min.

Beethoven considerava-a o seu *magnum opus*, Theodor Adorno, uma *obra-prima alienada*. A posteridade, vacilando perante a imensidão telúrica da linguagem e o evidente desafio intelectual e emocional que desperta na sua aparente modernidade, reconheceria a *Missa Solemnis* como um dos pilares da Cultura Ocidental.

É conhecido o motivo que desencadeou a sua criação. Em 1819, o antigo aluno, amigo e mecenas de Beethoven, o arquiduque Rudolph da Áustria (1788-1831) foi confirmado como arcebispo de Olmoütz (atual Olomouc, na República Checa). Em carta de 3 de março, confidenciava “O dia em que uma Missa Solene composta por mim for interpretada durante as cerimónias em honra de Vossa Alteza Imperial será o dia mais glorioso da minha vida e Deus me iluminará para que os meus pobres talentos contribuam para a glorificação desse dia solene”.

A fragilidade do seu estado de saúde e a luta judicial pela custódia do sobrinho, impossibilitariam Beethoven de concluir a missa no prazo expectável. A 20 de março de 1820, dia da entrada solene de Rudolph na catedral de Olmoütz, apenas o *Kyrie* e o *Gloria* estavam terminados. As restantes rúbricas, *Credo*, *Sanctus*, *Benedictus* e *Agnus Dei*, seriam compostas entre 1821-22, num conturbado processo de gestação,

que incluiu o estudo de tratados musicais do séc. XVI e obras de Palestrina, Händel, Bach e Mozart. Não satisfeito, Beethoven faria uma revisão meticulosa da obra até março de 1823, quando uma cópia da *Missa Solemnis* foi entregue ao arquiduque.

Ainda que estudos recentes deem como certo que o *Kyrie* e o *Gloria* foram ouvidos, pela primeira vez, em Viena, a 25 de outubro de 1821, no contexto dos *Concerts Spirituel*, a estreia integral da *Missa Solemnis* decorreu em São Petersburgo, a 7 de abril de 1824, a expensas do príncipe Nikolai Galitzin (1794-1866). A 7 de maio, em Viena, no mesmo concerto em que se deu em primeira audição a 9.^a Sinfonia, *Kyrie*, *Credo* e *Agnus Dei* foram interpretados com a designação *Três Grandes Hinos*, assim contornando a proibição de executar música religiosa em teatros.

Testamento artístico, de pendor enciclopédico, em que a espiritualidade plena e idiossincrática de Beethoven se declara de forma imponente, a *Missa Solemnis* desperta sentimentos contraditórios junto dos ouvintes, perante os contrastes caleidoscópicos, entre a reverência espiritual e a dúvida existencial plasmados na leitura do texto litúrgico. Ao comovente *Kyrie*, segue-se o visceral *Gloria*. Epicentro da obra, o *Credo* desenrola-se num avolumar

de tensões até à monumental fuga que o conclui. A gradação emocional do *Sanctus* conduz ao inesperado *Benedictus*, verdadeiro romance celestial para violino solo, uma fusão entre o humano e o divino, o pessoal e o universal. Por fim, o pungente *Agnus Dei*, que desemboca no “Dona nobis pacem”, de pendor idílico, interrompido pelos ecos da guerra dos homens, óbice intransponível à paz divina. Brilho e espiritualidade fundem-se num raro exercício de paixão e compaixão que aos poucos se desvanece.

Convém, contudo, ter presentes dois factos inequívocos que foram discretamente arredados da narrativa oitocentista que enforma a leitura da *Missa Solemnis* no contexto biográfico de Beethoven e que condicionam a sua audição: a total funcionalidade no contexto litúrgico coevo e a amizade fraterna que o unia ao arquiduque. Todos os argumentos invocados para dispensar esta obra de uma funcionalidade litúrgica, *duração, número de executantes, exigência técnica*, um todo musical que *não pode ser fragmentado*, soçobram perante a *praxis* coeva, particularmente das missas de pontifical. O *Kyrie* e o *Gloria* teriam sido curtos para os ritos iniciais de uma cerimónia desta natureza: a procissão até ao altar, a chegada do cabido e do prelado, o cerimonial de o paramentar, a oração diante do altar antes de ser sentado na cátedra, a aspersão da assembleia, todo um conjunto de rituais simbólicos executados de forma lenta e reverencial. O *Sanctus* começava a ser cantado ao mesmo tempo que o celebrante rezava o Prefácio, e o *Benedictus* após a Consagração (com um conveniente prelúdio para este momento central da eucaristia). O *Agnus Dei* desenrolar-se-ia

ao longo da comunhão. Quanto ao número de músicos necessários, a cerimónia de 1820 contou com a presença de 84 instrumentistas e um número indeterminado de cantores, o que viabilizaria, plenamente, a sua execução.

O segundo facto é a intimidade que existia entre o compositor e o arquiduque Rudolph. Quando, aos 17 anos, lhe foi dado *estado* (ou seja, casa própria), contratou de imediato Beethoven, em detrimento de Anton Teyber (1756-1822), seu antigo mestre de música. Pouco sensível à estrita etiqueta da corte vienense, Beethoven foi repreendido pela informalidade que mantinha com Rudolph, que sempre o defendeu. Também na troca de correspondência, para além da exigida formalidade, encontramos um nível de confiança pouco comum. Rudolph deveria ter seguido uma carreira militar, e a sua entrada na vida eclesiástica foi tardia, sendo consagrado apenas em 1819, com 31 anos. Kant e Hegel faziam parte das conversas entre ambos, assim como Schiller e Goethe. Se a *Missa Solemnis* foi escrita por um filho do Iluminismo, mais propenso a moldar a sua fé do que a aceitar dogmas da Igreja, nunca Rudolph teria aceitado que lhe fosse dedicada se ali não tivesse encontrado o que ambos entendiam ser a majestade de Deus.

Como lapidarmente afirmou William Steinberg, a *Missa Solemnis* é uma “oferta a Deus e uma declaração de amor divino. É, também, uma declaração de amor humano, dos sentimentos do compositor pelo amigo e patrono que o protocolo tornou inacessível”.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Matthew Halls

Desde setembro de 2022, Matthew Halls é Maestro Principal e Diretor Artístico indigitado da Filarmônica de Tampere, na Finlândia, iniciando essas funções em 2023/24. No outono de 2022, o maestro inglês regressou a Tampere para dirigir a 7.ª Sinfonia de Bruckner, antes de se estrear à frente da Orquestra de Câmara de Paris e da Orquestra do Minnesota. Em seguida, dirigiu a Orquestra do Mozarteum de Salzburgo, a Sinfônica de Houston e a Sinfônica de Indianapolis. Como maestro convidado, Matthew Halls dirige regularmente, entre outras, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica de Seattle, a Sinfônica da Islândia, a Sinfônica de Viena, a Sinfônica da Rádio Finlandesa, a Sinfônica de Dallas e a Orquestra de Câmara de Los Angeles. Destaques recentes incluem a Sinfonia n.º 2 de Mahler, com a Sinfônica de Toronto, a estreia americana da 4.ª Sinfonia de James MacMillan, com a Sinfônica de Pittsburgh (previamente, dirigiu a estreia mundial do *European Requiem* de MacMillan) e a sua estreia à frente da Sinfônica de Chicago. O percurso artístico de Matthew Halls inclui a música antiga e as interpretações de época, tendo sido um dos primeiros maestros convidados a dirigir o *Concentus Musicus Wien* de Nikolaus Harnoncourt. A sua discografia inclui Concertos para Cravo de J. S. Bach, dirigidos a partir do teclado, a primeira gravação de *Parnasso in Festa*, de G. F. Händel (Prémio Stanley Sadie), além da *Oratória de Páscoa* e da *Oratória da Ascensão* de J. S. Bach. No domínio da ópera, o seu repertório estende-se de *Ariodante* de Händel até *Madama Butterfly* de Puccini.

Lucy Crowe

Lucy Crowe nasceu em Staffordshire e estudou na Royal Academy of Music, em Londres. O seu repertório de ópera estende-se de Purcell a Janáček, tendo-se apresentado na Royal Opera House — Covent Garden, no Festival de Glyndebourne, na English National Opera, no Teatro Real de Madrid, na Deutsche Oper Berlin, na Ópera da Baviera (Munique) e na Metropolitan Opera de Nova Iorque. Em concerto, colaborou com prestigiadas orquestras, sob a direção de relevantes maestros como E. Haïm, S. Oramo, A. Nelsons, R. Egarr, Y. Nézet-Séguin, J. E. Gardiner, A. Pappano ou S. Rattle. Atuações recentes incluem a *Missa Solemnis* de Beethoven (Sinfônica da Rádio da Baviera), *Alcina e Serse* de Händel (The English Concert), a *Oratória de Natal* de MacMillan (Filarmônica de Londres), a Sinfonia n.º 4 de Mahler (Sinfônica de Londres) e *Das Paradies und die Peri* de Schumann (Staatskapelle Berlin). Na presente temporada, junta-se ao Monteverdi Choir and Orchestra numa digressão europeia da *Missa Solemnis*, incluindo os *BBC Proms*. Colabora também com o Dunedin Consort (Grande Missa em Dó menor de Mozart), com a Filarmônica de Roterdão (*A Criação* de Haydn) e com Les Violons du Roy (Morgana, em *Alcina* de Händel). Lucy Crowe apresenta-se também com regularidade em recital, nomeadamente em palcos como o Concertgebouw de Amesterdão, o Carnegie Hall de Nova Iorque ou os Festivais de Aldeburgo, Edimburgo e Salzburgo. Neste domínio, a sua gravação de estreia (canções de Berg, R. Strauss e Schönberg) foi lançado pela Linn Records em 2021, ano em que foi nomeada para os prémios *Grammy* na categoria de “Melhor Gravação de Ópera”, em *A raposinha matreira*, de Janáček, com a Sinfônica de Londres e o maestro Sir Simon Rattle.

Beth Taylor

Nos últimos três anos, Beth Taylor estreou-se em importantes palcos. No verão de 2022, apresentou-se pela primeira vez no Festival de Glyndebourne, no papel de Bradamante, numa nova produção de *Aleina* de Händel. Depois da sua estreia como La Cieca (*La Gioconda*), interpretou Erda (*O Ouro do Reno*), Primeira Norna (*O Crepúsculo dos Deuses*) e Schwertleite (*A Valquíria*), na Deutsche Oper Berlin, sob a direção de Sir Donald Runnicles. Interpretou Falliero, em *Bianca e Falliero* de Rossini, na Ópera de Frankfurt. Como Argia, integrou as primeiras representações modernas de *La Merope* de Giacomelli, sob a direção de Andrea Marcon, no Concertgebouw de Amesterdão. Os compromissos de Beth Taylor para a temporada 2022/23 incluem: Arsace (*Semiramide*), na Deutsche Oper Berlin; a estreia na Ópera de Zurique, no papel de Giuliano Gordio, em *Eliogabalo* de Cavalli; Ursule (*Béatrice et Bénédicte*), no Festival Berlioz — La Côte-Saint-André; e o *Requiem* de Mozart, no Théâtre de Beaulieu, em Lausanne. Outros compromissos recentes incluem presenças em Madrid e Basileia, para interpretar Cornelia, em *Giulio Cesare* de Händel, sob a direção de Andrea Marcon; Bradamante (*Alcina*), na Ópera de Nancy, com Leonardo García Alarcón; Jakob Lenz de Rihm, na estreia da cantora no Festival d'Aix-en-Provence; Melanto, Anfinomo e Fortuna, em *Il ritorno d'Ulisse in patria*, na Ópera de Lyon; *A raposinha matreira* de Janáček, no Festival Grimeborn (Londres); e Olga, em *Eugene Onegin*, com a Fife Opera, na Escócia. Beth Taylor diplomou-se pelo Royal Conservatoire of Scotland e pela Open University. Atualmente, aperfeiçoa a sua técnica com Jennifer Larmore e Iain Paton. Venceu o 2022 *Elizabeth Connell Award*, foi 3.^a classificada na 2019 *Wigmore Hall Competition* e premiada nos 2018 *Gianni Bergamo Classical Music Awards*.

Toby Spence

Toby Spence estudou no New College, em Oxford, e na Opera School of the Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Venceu o prémio *Royal Philharmonic Society 2011 Singer of the Year*. É muito solicitado como solista de concerto, colaborando com orquestras e maestros de renome internacional. Atuações recentes incluem: Jack, em *The Midsummer Marriage* de Tippett, com a Filarmónica de Londres; o *Stabat Mater* de Dvořák, *Das Klagendes Lied* de Mahler e *Die Erste Walpurgisnacht* de Mendelssohn, com a Sinfónica de Houston; a Sinfonia n.º 8 de Mahler, no Atlanta Symphony Hall; *Serenade for Tenor, Horn and Strings* de Britten, com a Orquestra Nacional de Lyon; *As Estações* de Haydn, com a Philharmonie de Paris; a Missa em Fá menor de Bruckner, com a Sinfónica de Basileia; *A Canção da Terra* de Mahler, com a Orquestra do Festival de Budapeste; a *Sinfonia Fausto* de Liszt, com a Orquestra do Mozarteum de Salzburgo; o *War Requiem* de Britten, com a Orchestre de la Suisse Romande; *There Was a Child*, de Jonathan Dove, com a Filarmónica de Berlim; e a 9.^a Sinfonia de Beethoven, com a Filarmónica de Los Angeles. No domínio da ópera, Toby Spence interpretou recentemente os papéis de Aschenbach (*Morte em Veneza*), para a Ópera Nacional do Reno; Captain Vere (*Billy Budd* de Deborah Warne), para Royal Opera House; Don Ottavio (*Don Giovanni*), para o Gran Teatre del Liceu de Barcelona; Eisenstein (*O Morcego*) e Antonio (*The Tempest*), para a Metropolitan Opera; Florestan (*Fidelio*), para a Garsington Opera e a Opera North; Tom Rakewell (*The Rake's Progress*) e David (Os *Mestres Cantores de Nuremberga*), para a Ópera de Paris. Na temporada 2021/22, estreou-se nos papéis de Parsifal, para a Opera North, Alwa (*Lulu*), para o La Monnaie/De Munt, e Monsieur Taupe (*Capriccio*), na Ópera da Baviera, em Munique.

Matthew Brook

A carreira de Matthew Brook recebeu um renovado impulso internacional quando, em 2007, foi atribuído um prémio *Gramophone* à gravação do *Messias* de Händel, pelo Dunedin Consort, seguindo-se gravações de *Acis and Galatea* e da *Paixão segundo São Mateus*. Apresentou-se como solista por toda a Europa, na Austrália, nas Américas e no Extremo Oriente, colaborando com alguns dos mais conceituados maestros. Matthew Brook é reconhecido pelas suas interpretações da música de J. S Bach e de G. F. Händel, mas a sua competência estende-se muito para além destes compositores, incluindo a interpretação de obras encomendadas. Das suas atuações recentes destacam-se: o papel de Aeneas, na estreia de *Dido's Ghost* de Errollyn Wallen, uma co-encomenda do Dunedin Consort, do Barbican Centre, dos Festivais Internacionais de Edimburgo e de Buxton e da Philharmonia Baroque Orchestra & Chorale; um regresso aos *BBC Proms* para interpretar a *Missa em Si menor* de Bach com a Orchestra of the Age of Enlightenment; o *Messias*, com a Orquestra de Câmara Escocesa, a Academy of Ancient Music, a BBC National Orchestra of Wales e a Orquestra de Câmara Inglesa; e a *Paixão segundo São Mateus* de Bach, com a Orchestra of St Luke's, no Carnegie Hall, e com a Sinfónica de Montreal. Na presente temporada, Matthew Brook interpreta, entre outras obras: cantatas de Bach, com Les Violons du Roy, no Quebeque, a *Oratória de Natal* de Bach, com a Orquestra Nacional de Lyon; a 9.ª Sinfonia de Beethoven, com a Royal Philharmonic; a *Paixão segundo São Mateus* (Cristo) de Bach, no Concertgebouw de Amesterdão; *A Criação* de Haydn, com a Sinfónica de Montreal; e *A Child of Our Time* de Tippett, com a Sinfónica da BBC, sob a direção de Sir Andrew Davies.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNACMusic e AriaMusic, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Anna Kássia
Ariana Russo
Carla Frias
Clarie Santos
Cristina Ferreira
Filipa Passos
Filomena Oliveira
Isabel Cruz Fernandes
Joana Siqueira
Márcia Massicame
Maria João Sousa
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Mónica Beltrão
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Susana Duarte
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Inês Martins
Joana Esteves
Joana Nascimento
Laura Martins
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Luísa Vaz Pinto
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Maria Forjaz Serra
Markéta Chumová
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Verónica Santos

TENORES

António Gonçalves
Artur Afonso
Bruno Sales
Dinis Rodrigues
Diogo Pombo
Francisco Cortes
Gerson Coelho
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
João Barros
João Custódio
Jorge Leiria
Marco Ferreira
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Rui Miranda
Sérgio Fontão
Simão Pourbaix

BAIXOS

Alexandre Gomes
Diogo Ferreira
Frederico Paes
Gonçalo Freitas
Hugo Wever
João Costa
João Luís Ferreira
João Líbano Monteiro
João Barros Silva
José Bruto da Costa
Mário Almeida
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Miguel La Feria
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Pedro Morgado
Rui Bôrras
Rui Gonçalo
Tiago Batista

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Gonçalo Melo*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 1º SOLISTA
Jorge Teixeira 2º SOLISTA
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Francisca Fins
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
Leonor Braga Santos 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payà
João Dinis
Precília Diamantino
Mariana Moreira
Márcia Marques*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Raquel Reis

Hugo Paiva

Gonçalo Lélis

João Valpaços

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 1º SOLISTA

Marine Triolet 2º SOLISTA

João Lobo

Vanessa Lima*

Diogo Pereira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Rui Martins 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

ÓRGÃO

Ricardo Toste 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

—

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Fábio Cachão

Pedro Canhoto

Inês Nunes

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



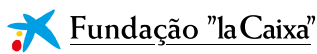
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Março 2023

